



Recebido em: 25/11/2020
Aprovado em: 28/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE
sobre a tentativa de elevar o ensino de filosofia através da implementação de uma
Oficina de Escrita Filosófica

TEACHING EXPERIENCE REPORT
on the attempt to elevate the teaching of philosophy by implementing a Philosophical
Writing Workshop

Maíra de Souza Borba¹

RESUMO

Tendo em vista uma perspectiva estritamente pessoal, o presente artigo visa relatar a experiência docente vivenciada a partir da tentativa de implementação de uma Oficina de Escrita Filosófica no curso de graduação em filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), realizada no segundo semestre de 2017. Explorando desde o contexto de surgimento da ideia da Oficina, até seus objetivos e as dificuldades em sua implementação, o presente relato não visa apenas oferecer dados técnicos, mas sobretudo compartilhar as impressões pessoais erigidas pela professora coordenadora do projeto ao longo desse processo. Embora aprender a escrever seja inegavelmente uma necessidade da maior parte dos alunos de graduação em filosofia, grande parte deles não está preparada para lidar com o esforço exigido nesse processo. A ilusão, por parte dos alunos, da existência de métodos rápidos e milagrosos leva à frustração tanto do discente, quanto do docente.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino. Escrita.

ABSTRACT

In view of a strictly personal perspective, this article aims to report the teaching experience from the attempt to implement a Philosophical Writing Workshop in the philosophy course at the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS), held in the second semester of 2017. Exploring from the context of the emergence of the idea of the Workshop, to its objectives and the difficulties in its implementation, the present report does not aim only to offer technical data, but also to share the personal impressions built from the project's coordinating teacher throughout this process. Although learning to write is undeniably a necessity for most undergraduate students in philosophy, most of them are not prepared to deal with the effort required in this process. The illusion, on the part of the students, of the existence of quick and miraculous methods leads to the frustration of both the student and the teacher.

Keywords: Philosophy. Teaching. Writing.

¹ Professora Dra. da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: mairaborba@hotmail.com.
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8577409944196184>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6699-2765>.



INTRODUÇÃO

A realidade das universidades públicas no Brasil, infelizmente, é alarmante. Os alunos ingressam cada vez mais despreparados e, na maior parte das vezes, não são capazes de acompanhar as exigências de um curso de graduação. Houve um tempo em que as universidades públicas eram sinônimo de excelentes alunos. A seleção era rigorosíssima e o número de vagas extremamente limitado em relação à demanda. Nos últimos anos, houve uma mudança significativa nesse cenário. As mudanças no processo de admissão e a política de expansão das universidades e do acesso ao ensino superior, ocorridas no governo Lula (2003-2011) e no governo Dilma (2011-2016)², trouxeram ganhos inestimáveis para o país como um todo. Contudo, as universidades públicas estão em descompasso com a admissão desses novos alunos. Continua-se a esperar o melhor aluno e fazer exigências de acordo com tal expectativa.

A situação é paradoxal ao extremo, pois ao mesmo tempo em que não se pode diminuir a qualidade do ensino superior, muitos dos alunos ingressantes hoje têm dificuldades para acompanhar os cursos. Obviamente, o problema está na base da educação, problema antigo e persistente que parece não encontrar solução em um país no qual o investimento em educação pública é mínimo – 5,1% do PIB (Produto Interno Bruto) em 2017, de acordo com dados da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico)³. O investimento na expansão e maior acesso às universidades, sem dúvida representa um avanço, porém acarreta resultados limitados diante do cenário geral.

O aluno é jogado na universidade, mas nem sempre tem reais condições de lá estar, pois carece da base proveniente de um ensino básico de qualidade. O pensamento comum por parte dos docentes é de que o problema é do aluno. Se ele não tem condições, se não teve um ensino de qualidade, não deveria estar na universidade. Há também quem se considera alheio ao problema, afinal de contas, o problema é da educação básica e lá deve ser solucionado. Não é o caso de julgar a validade desses pensamentos, a questão é que o problema existe, é um fato. Cabe aos professores lidarem com ele todos os dias. Alguns deles podem acreditar estar isentos da responsabilidade, e não ter obrigação de desempenhar um papel ativo na solução do problema, mas ainda assim, são os professores, juntamente com os alunos, que o enfrentam

² Através de programas como o Reuni – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (2007), o SISU – Sistema de Seleção Unificada (2009) e a lei de cotas Sociais (2012), por exemplo.

³ Disponibilizados pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira no *Panorama da Educação: Destaques do Education at Glance* (2020).



diariamente. São eles que corrigem textos incompreensíveis, que presenciam o esforço de alunos que acompanham as aulas, fazem perguntas pertinentes, mas no momento de escrever e colocar no papel o conhecimento adquirido, não obtêm sucesso.

No caso da filosofia o problema se acentua devido à inevitável demanda pela produção de textos. Não há outro meio eficaz de avaliar os alunos. Não lhes cabe solucionar problemas matemáticos através de números e equações, não há fórmulas, nem possibilidade de questões objetivas. A produção de textos é uma exigência constante com a qual eles se deparam ao longo de todo curso. E isso não se dá em termos de aprendizado, eles não são ensinados na universidade a produzir textos propriamente⁴, são cobrados, desde o primeiro semestre, por um conhecimento que, supostamente, deveriam ter como bagagem.

Idealmente, o aluno chega pronto, ele está familiarizado com todos os tipos de texto e irá executá-los com maestria. Cabe ao professor apenas apresentar o conteúdo filosófico para que possam exercitar suas habilidades. Quando muito, há uma diferenciação entre os tipos de texto (resumo, fichamento, resenha, ensaio etc.), mas, ainda assim, supõe-se que o aluno tenha uma prévia capacidade de articular seu pensamento em forma de escrita. A realidade é totalmente outra, eles têm dificuldades de escrita que não permitem que expressem seu pensamento de forma minimamente compreensível. Ler os textos é, na verdade, tentar imaginar o que se passa em suas cabeças, decifrando suas palavras, tentando colocá-las em ordem e encontrar ali algum sentido. É trabalhoso, cansativo e desanimador.

No presente artigo relatarei um pouco da minha experiência na tentativa de implementação de uma Oficina de Escrita Filosófica no curso de filosofia da UFMS. Primeiramente, será apresentado o contexto de surgimento da Oficina, em seguida, seu desenvolvimento e as dificuldades encontradas em sua execução. Por fim, a partir da minha perspectiva pessoal, enquanto professora coordenadora do projeto, será feita uma reflexão sobre os seus resultados.

⁴ Há disciplinas denominadas Prática de Ensino, Leitura e Pesquisa em Filosofia (PELPEF), que visam, em parte, minimizar o problema da escrita. Contudo, a disparidade entre os alunos e a carga horária limitada, dificulta que uma disciplina regular aborde seus problemas individuais. Parte-se da ideia de que o aluno tenha um conhecimento mínimo e que irá aprender apenas a diferenciar os tipos de textos, porém, muitos precisam de uma abordagem mais elementar e detalha dos princípios que envolvem a escrita. Além disso, as PELPEFs se iniciam juntamente com as demais disciplinas do curso, em que as exigências de produção escrita são uma constante, deste modo, há um descompasso entre o que o aluno aprende na PELPEF e o que é cobrado dele, logo de início, nas demais disciplinas.



1 SOBRE O SURGIMENTO DA IDEIA DE UMA OFICINA DE ESCRITA FILOSÓFICA

A carência dos discentes quando se fala em produção de textos é inegável. Percebe-se claramente que o aluno de graduação, fruto do ensino numa visão positivista, na maioria das vezes, não está sendo formado para construir o seu próprio saber. A supervalorização da técnica e da ciência torna o conhecimento algo dado, pronto. Cabe ao aluno receber esse conhecimento e ser capaz de reproduzi-lo. Deste modo, o desenvolvimento do pensamento crítico é prejudicado, o que reflete diretamente nas capacidades de leitura e escrita.

Não raras as vezes é só no primeiro período de um curso universitário que os alunos têm seu primeiro contato com gêneros textuais como fichamento, ensaio, artigo científico, projeto de pesquisa, entre outros. Para além das necessidades imediatas do próprio curso, é de fundamental importância que o aluno conheça a estrutura da pesquisa e escrita filosóficas, pois as cobranças a esse respeito se estendem ao mercado de trabalho e determinam as possibilidades de dar continuidade aos estudos através de uma pós-graduação.

Assim, não obstante a real solução do problema esteja muito distante de ser alcançada, pois depende de uma educação pública de qualidade desde os primeiros anos escolares, cabe ao professor duas opções: 1) cruzar os braços e aceitar a situação; 2) trabalhar para encontrar meios de minimizar o problema. A segunda opção parece, portanto, a alternativa eticamente mais correta a ser adotada. Mas como fazer isso? Foi nesse contexto que, no ano de 2017, surgiu a proposta de uma Oficina de Escrita Filosófica dentro do curso de graduação em filosofia da UFMS.

Elaborada enquanto Projeto de Ensino, a Oficina foi coordenada e elaborada por mim, professora do curso. Sua implementação contou com a participação de dois alunos do curso na função de monitores⁵. Cabia a eles organizar as inscrições e coletar informações sobre os participantes, intermediar o contato entre a professora e os alunos inscritos e oferecer suporte em horários alternativos.

Inicialmente a Oficina tinha previsão para acontecer no segundo semestre de 2017 e no primeiro semestre de 2018. Seria uma atividade extracurricular que, embora pudesse constar entre as horas computadas como atividades complementares, não integraria o currículo. Deste

⁵ Allisson Vicente Xavier Gonzalez (maior incentivador do projeto, tendo apresentado a ideia inicial) e Talissa Silva Fernandes



Recebido em: 25/11/2020
Aprovado em: 28/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

modo, por não se tratar de uma disciplina, não seriam atribuídas notas ou créditos no histórico escolar, mas os alunos que concluíssem teriam direito a um certificado.

Se por um lado, a Oficina de Escrita parecia uma necessidade dos próprios alunos, por outro, ela seria fundamental para a evolução do curso e até mesmo para sua manutenção. Os parâmetros utilizados pelo MEC para qualificar os cursos de graduação e determinar sua manutenção dependem, em grande parte, do progresso dos alunos e da permanência dos mesmos no curso. Deste modo, diminuir a evasão e garantir o sucesso dos alunos no Enade⁶ são questões determinantes. Muitos dos alunos que desistem do curso o fazem pelas dificuldades encontradas em acompanhar o ritmo das disciplinas. Eles se sentem incapazes e desmotivados por não obterem sucesso nas avaliações.

O objetivo geral era claro: criar, dentro do curso de graduação em filosofia da UFMS, um espaço de estudo, reflexão e prática da escrita, visando compreender as carências dos alunos do curso para encontrar maneiras eficazes de minimizá-las. Para alcançá-lo, foram traçados objetivos específicos: mapear o contexto dos alunos do curso de graduação em filosofia da UFMS, suas origens, seu histórico escolar, em que medida se deu seu contato prévio com textos filosóficos, etc.; determinar as maiores dificuldades dos alunos em relação à escrita através da análise de textos produzidos por eles, bem como dos relatos dos próprios alunos; elaborar materiais (compilados de textos, manuais, métodos e demais elementos para auxiliar no aprimoramento da escrita) voltados para as especificidades dos alunos do curso de graduação em filosofia da UFMS; promover encontros semanais ou quinzenais (denominados oficinas), com o objetivo de apresentar e debater princípios básicos de produção de textos e propiciar momentos de produção e análise dos textos; por fim, analisar a evolução dos alunos participantes da Oficina visando o aprimoramento do modelo, que seria aplicado a outras turmas.

A ideia era promover encontros de cunho sobretudo prático, possibilitando, assim, a realização de exercícios e atividades ligados à pesquisa e à produção acadêmica. Seriam enfatizados exercícios de técnicas de escrita, acompanhados de minuciosa análise crítica da produção dos alunos. Deveriam ser realizadas atividades individuais de produção escrita,

⁶ O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) é um dos procedimentos de avaliação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), tem por objetivo avaliar o aprendizado dos estudantes tendo em vista os conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares de seus respectivos cursos de graduação. Seus resultados servem de base para a classificação das Instituições de Ensino, sendo referencial para os processos de credenciamento institucional. É um componente curricular obrigatório dos cursos de graduação. Informações completas sobre o Enade podem ser encontradas no portal do MEC – Ministério da Educação.



Recebido em: 25/11/2020
Aprovado em: 28/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

sempre a partir de temas determinados e orientações técnicas dadas. Também seriam empreendidas dinâmicas de grupo, como a leitura e comentário de todos os trabalhos produzidos, de maneira a compartilhar as experiências e aguçar o espírito crítico. Esperava-se que os alunos participantes fossem capazes de desenvolver um olhar analítico sobre a própria produção.

Os textos produzidos seriam lidos, corrigidos e comentados, por escrito. Para as orientações e plantões de dúvidas seria aberto espaço online, além de atividades extras, como análise, leitura e escrita de pequenos textos.

Para favorecer a produtividade do grupo, foi estabelecido que cada turma deveria ter no máximo, quinze vagas. A Oficina teria aproximadamente dez módulos diferentes, com duração variável. Ao término, seriam selecionados os melhores textos para possível publicação.

Esperava-se que a Oficina de Escrita pudesse contribuir para o aprimoramento dos alunos, melhorando seu desempenho na produção de textos e, conseqüentemente, nas disciplinas cursadas. Esperava-se também que o melhor desempenho dos alunos contribuiria para que eles se sentissem mais motivados dentro do curso, diminuindo assim o índice de evasão.

Na teoria, a ideia parecia muito boa: vamos ajudar os alunos a dominar a arte da escrita! Na prática, não funcionou exatamente como o esperado.

A ideia de implementar um projeto oriundo da necessidade dos próprios alunos e de incessantes demandas para que algo desse tipo fosse empreendido era empolgante. Partiu-se para a elaboração da parte teórica, selecionando textos filosóficos e metodológicos com o objetivo de preparar o material e definir o conteúdo a ser ministrado na Oficina. O desafio era imenso sobretudo considerando que eu não possuía formação em letras, mas parecia valer o esforço e dedicação, pois além de ajudar os alunos, o projeto traria ganhos para o curso como um todo.

A divulgação do projeto causou certa comoção entre os alunos e muitos demonstraram interesse em participar. Os encontros ocorreriam quinzenalmente, no período da tarde, tendo duração aproximada de duas horas. Assim que as inscrições foram abertas o número de inscritos superou as expectativas. Foram vinte e nove alunos, o que ficava bem acima dos quinze que inicialmente seria o máximo permitido para viabilizar o bom andamento da Oficina. Muitos alunos teriam que ficar de fora, o que não parecia justo. Visando responder à demanda, decidiu-se abrir duas turmas. Obviamente, isso acarretaria muito mais tempo e trabalho dedicados ao projeto. O que seria uma atividade quinzenal, passou a ser semanal, pois os encontros das duas turmas foram alternados e a cada semana eram realizadas atividades com uma delas. Contudo,



tendo em vista os benefícios que o projeto vislumbrava alcançar, a decisão de dedicar mais tempo a ele não foi difícil.

Inicialmente, foi definida uma bibliografia básica visando tanto a preparação do plano de curso da Oficina, quanto o fornecimento de material de apoio para os alunos participantes e, posteriormente, a elaboração de um material didático reunindo os temas abordados, na tentativa de auxiliar também os não participantes. No tocante a questões metodológicas, nomes como Bakthin (1997), Cossuta (1994), Emediato (2007), Folscheid e Wunenburger (2006), Martinich (2005) e Severino (2008 e 2017), foram alguns dos visitados nessa empreitada. Já no que diz respeito à História da Filosofia, o objetivo era trabalhar diversos filósofos, não nos limitando a um período e tentando diversificar ao máximo no que diz respeito ao estilo de escrita.

2 SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA OFICINA DE ESCRITA FILOSÓFICA

Tendo como base a obra de Dominique Folscheid e Jean-Jacques Wunenburger, *Metodologia Filosófica* (2006), definiu-se que o primeiro módulo abordaria a explicação, ou resumos explicativos, de textos filosóficos e contemplaria obras de Aristóteles (1987), Descartes (1999) e Rousseau (2005). Contudo, havia necessidade de um momento anterior à redação de textos em que fossem trabalhadas técnicas de leitura e interpretação de textos filosóficos, visto que para escrever sobre os filósofos é preciso compreendê-los e, raramente, essa compreensão vem de forma natural.

Os hábitos de leitura das gerações atuais são pífios, o que não é de se admirar tendo em vista a difusão do acesso às novas tecnologias. A tendência, se não fizermos algo para reverter esse quadro, é piorar. De acordo com a pesquisadora Maryanne Wolf (2019), os hábitos digitais modificam a forma como processamos as informações. A tendência que tem se instaurado na sociedade em abandonar o hábito da leitura de livros impressos, substituindo-o por tempo diante de telas, diminui a capacidade de compreensão, prejudicando a análise crítica. O tempo passado diante das telas não acarreta a completa abolição da leitura, mas favorece uma leitura apenas superficial. Tendo em vista que a habilidade de ler não é inata, a falta do exercício da leitura, nesse caso da leitura aprofundada, atrofia nossas capacidades. Tendo em vista a inevitável consolidação do mundo digital, Wolf acredita ser possível que as vantagens da leitura impressa se percam.

O largo acesso à internet e televisão empobreceram culturalmente os nossos jovens, e isso reflete de forma significativa no ensino. Tendo tido pouco contato com livros e quase



Recebido em: 25/11/2020
Aprovado em: 28/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

nenhum com obras filosóficas, os alunos não têm preparo para lidar com a carga de leitura exigida no curso. Até mesmo aqueles que, provindos de um ensino básico mais robusto, tiveram bom contato com literatura, carecem de treino na leitura filosófica propriamente. Ler filosofia, infelizmente não é o mesmo que ler autores como Guimarães Rosa, ou Jorge Amado. Não podemos ler a *Crítica da Razão Pura* da mesma forma que lemos um romance como *Gabriela, Cravo e Canela*. Tendo essa ilusão, os alunos encontram uma frustração enorme, pois por não serem capazes de compreender diante da primeira leitura, sentem-se logo completamente inaptos, questionando suas habilidades intelectuais. Mal sabem eles que, independentemente de nossas habilidades e formação, a leitura filosófica nunca é tão simples. Obviamente, ela pode ser mais dificultosa para os não habituados, mas jamais torna-se tão fácil a ponto de dispensar a releitura do texto. Ler filosofia é trabalhoso, demorado, exige atenção, concentração e persistência. Os alunos precisam ser preparados para isso, caso contrário, sentem-se desmotivados por pensarem que as dificuldades são só deles, enquanto na verdade, em maior ou menor medida, são de todos nós.

Desta maneira, foi feito todo um trabalho de preparação para a leitura filosófica. Nos primeiros encontros ocorreram conversas francas sobre o tema, em que o objetivo era justamente fazer os alunos perceberem que as dificuldades com as quais nos deparamos nesse percurso são compartilhadas por todos. Embora não haja nenhuma técnica milagrosa capaz de solucionar tais problemas, é possível minimizá-los. O primeiro passo é tomar consciência do problema, o segundo, é enfrentá-lo de frente, sem buscar desviar-se dele. Mas o que isso quer dizer? Quer dizer que ler se aprende lendo, não há escapatória. E essa leitura não pode ser desviada para resumos, manuais, comentadores, etc. Tem que se ir diretamente à fonte. Nesse sentido, como alertam Folscheid e Wunenburger (2006), a busca por atalhos é sempre prejudicial e embora, a curto prazo, o avanço possa parecer maior, sempre se paga o preço mais adiante. Outro fator importante a ser observado é a ausência de distrações. Não se pode ler um texto filosófico verificando o telefone a cada dois minutos, vendo televisão ou coisas semelhantes. Essa é a forma mais fácil de se perder durante a leitura. A leitura filosófica exige concentração, dedicação total. Talvez esse seja inclusive um dos motivos pelos quais ela acaba parecendo tão difícil, pois exige esforço.

Visando treinar a leitura filosófica, foram inicialmente debatidos trechos dos *Ensaio*s de Montaigne. O objetivo era justamente fazer a transição do texto literário para o texto filosófico. Montaigne, embora seja reconhecidamente um grande filósofo, escreve de forma bastante literária, podendo ser inclusive confundido com simples literatura. Contudo, um olhar mais atento revela uma infinidade de questões filosóficas que levam a reflexões extremamente



Recebido em: 25/11/2020
Aprovado em: 28/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

profundas e atuais. Nesse sentido, a leitura de *Dos Canibais*, por exemplo, parece ideal para dar início a esse tipo de trabalho. Trata-se de uma leitura agradável, mas, ao mesmo tempo, extremamente rica e reveladora.

A experiência com a leitura e debate dos textos de Montaigne foi bastante interessante. A maior parte dos alunos se sente confortável em expressar suas opiniões diante de textos dessa natureza, facilitando assim a interação entre a turma. Obviamente, eles partem, quase sempre, de uma leitura superficial, mas estão completamente abertos a uma análise mais profunda dos textos, se surpreendendo com suas diferentes nuances e criando uma percepção que os torna mais aptos a diferenciar uma leitura ingênua e superficial da verdadeira leitura filosófica.

Deste modo, é possível dizer que essa etapa prévia da Oficina teve um resultado satisfatório, indicando que a continuidade das atividades poderia seguir pelo mesmo caminho, obtendo os resultados esperados. Contudo, há que se considerar que a fase unicamente de leitura dos textos exige um compromisso menor da parte dos alunos. Isso porque, embora seja solicitada a leitura prévia individual dos textos, eles sabem que será feita uma leitura conjunta, em que o texto será escrutinado, tendo cada uma de suas frases amplamente analisadas. Tendo isso em vista, muitos se dispensam da leitura anterior e ainda assim são capazes de acompanhar o debate de forma adequada, não devendo em quase nada (pelo menos não aparentemente), aos que se deram ao trabalho de realizar a leitura previamente.

Todavia, basta passarmos para uma etapa um pouco mais exigente do ponto de vista individual para que a situação tome outros contornos. Munidos de informações e experiência minimamente suficientes para realizar uma boa leitura dos textos, os alunos foram levados ao primeiro módulo da Oficina, em que seriam trabalhados o que denominamos de resumos explicativos.

O primeiro passo foi definir do que se trata um resumo explicativo. Seguindo a definição de Folsheid e Wunenburger (2006), explicar seria enunciar o que há num texto dado. Mostrar o que está exposto, implicado, pressuposto e subtendido. Deve-se ater ao texto, salientando seus elementos principais, tema (assunto), tese (o que o autor afirma), movimentos do texto e objetos de discussão. Assim, para um primeiro momento, parece ser esse o tipo de texto ideal, pois não exige dos alunos conhecimentos adicionais, nem um posicionamento pessoal e crítico sobre o texto. Basta compreendê-lo e exteriorizar tal compreensão.

Os alunos também foram orientados em relação à estrutura textual, ou seja, à divisão clara do texto em introdução, desenvolvimento e conclusão. O objetivo era que eles compreendessem o que deve estar contido em cada uma dessas partes, sendo capazes de redigir um texto em que fosse possível notar tal divisão. Também foram discutidas técnicas que



auxiliam na redação de textos, como a elaboração de um plano, a elaboração de perguntas e respostas em relação aos problemas apresentados pelo texto, a prévia elaboração de um fichamento do texto (no momento da leitura), que auxilie na identificação de seus elementos principais, etc.

Os alunos demonstraram (na medida do que é possível demonstrar sem de fato escrever alguma coisa) assimilar o conteúdo, se comprometendo a aplicar as orientações no momento da escrita. Note-se que, embora se trate de uma Oficina de Escrita, o momento de escrever propriamente não é, e nem poderia ser, o primeiro passo. Há toda uma preparação para a escrita. É preciso habituar nossos alunos à paciência exigida pela arte de escrever. Eles devem compreender que a reflexão faz parte da escrita, assim como a leitura. O que, inevitavelmente, torna o processo trabalhoso e, muitas vezes, mais demorado do que gostaríamos.

O texto inicial abordado foi a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. Tendo em vista o volume de atividades que os alunos têm no curso, além de seus trabalhos e demais ocupações, optou-se, em um primeiro momento, por abordar trechos do texto e não o texto completo. A ideia era não sobrecarregar os alunos e viabilizar sua participação ativa na oficina, tentando demandar deles o mínimo de tempo possível. Paralelamente, para os alunos que tivessem interesse e dispusessem de um pouco mais de tempo, seria criado um grupo de leitura, em que eles, com eventual orientação da minha parte, professora responsável, e dos monitores, discutiriam os textos completos.

A princípio, a proposta foi bem aceita pelo grupo e os alunos se animaram com a criação do grupo de leitura, que poderia extrapolar os limites da Oficina, trazendo leituras obrigatórias do curso, criando assim um espaço de colaboração mútua, em que eles poderiam estudar juntos, compartilhando suas dificuldades e evoluindo em seu processo de aprendizado. Em tese, tudo funcionava perfeitamente.

Embora fosse o momento de escrever, definiu-se que todos os textos seriam discutidos pelo grupo em conjunto. Deste modo, antes de partir para a escrita propriamente, haveria o momento de leitura e análise, em que todos os elementos do texto seriam destacados. Feito isso, os alunos dariam início ao processo de escrita durante a Oficina, finalizando-o em casa.

Ainda que a participação dos alunos não tenha sido tão expressiva quanto no caso da leitura de Montaigne, houve participação razoável. Como normalmente acontece, alguns alunos participaram mais, outros menos. O objetivo era, aos poucos, fazer com que todos se sentissem confortáveis e aptos a participar mais efetivamente.

O modelo aplicado foi pautado em uma análise conjunta do texto. Não cabia ao professor dar as respostas prontas, mas ao grupo como um todo construir o saber conjuntamente.



Recebido em: 25/11/2020
Aprovado em: 28/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

Assim, o papel do professor era mais de mediador que de detentor do saber. Tendo previamente (em encontros anteriores) estabelecido os termos, bastava estabelecer perguntas e esperar que os alunos, através da troca de ideias e do debate, chegassem aos elementos do texto: tema, tese, problema, hipótese, noções centrais, etc.

Primeiramente, os alunos faziam a leitura individual do texto, sendo incentivados a marcar os termos que julgassem mais importantes. Em um segundo momento, era feita uma leitura conjunta, mas por partes, analisando assim cada momento do texto, interrogando sobre seus elementos e desvelando suas noções centrais. Quando havia discordância, os alunos argumentavam entre eles tentando chegar a um acordo e, quando isso não era possível, havia intervenção da minha parte. Em um momento final eram retomados todos os elementos discutidos, fazendo-se uma espécie de mapa do texto que serviria como base para a posterior elaboração dos textos individuais. Em posse dessa espécie de mapa, os alunos (caso houvesse tempo remanescente) deveriam elaborar individualmente, sob minha orientação, os planos de escrita. Deste modo, eles ficavam livres para redigir e buscar ajuda quando sentissem necessidade. Finalizado o encontro, os alunos tinham duas semanas para elaborar o resumo explicativo, visto que os encontros eram em semanas alternadas, período no qual tanto eu, quanto os monitores, permanecíamos à disposição para auxiliar e solucionar eventuais dúvidas por e-mail. Além disso, eles poderiam, na semana seguinte (entre os encontros), se encontrar com os monitores para serem auxiliados em relação à escrita.

Embora os alunos apresentassem dificuldades na redação, raramente enviavam questões. Deste modo, aparentemente corria tudo bem e esperava-se receber os textos dentro do prazo previsto. Até um dia antes do encontro eles deveriam enviar os textos por e-mail, para que se pudesse ter uma noção anterior do estado dos trabalhos realizados. No dia do encontro deveriam apresentar seus textos diante da turma e, conjuntamente, seriam debatidos os pontos fortes e fracos do texto, sugerindo melhorias.

Logo na primeira entrega foi possível perceber que poderia ser mais difícil do que se imaginava. Por mais que eles se colocassem em um lugar de total interesse, isso não transpareceu no momento de produzir de fato os textos, pois apenas 50% efetuou a entrega dentro do prazo. Ao serem questionados pelos motivos que os levaram a não cumprir com o prazo combinado, as desculpas foram várias. Em geral foi alegada dificuldade em manejar o tempo, se organizando de modo a conciliar as atividades da Oficina com as outras atividades do curso. Obviamente, jamais foi intenção da Oficina se colocar à frente do curso, muito pelo contrário, o objetivo era estar a serviço do curso. Ao aprimorar as capacidades dos alunos, elevaríamos o curso. Tendo em vista o planejamento e os prazos da Oficina, ela ocuparia uma



Recebido em: 25/11/2020
Aprovado em: 28/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

parcela mínima do tempo dos alunos, e eles se comprometeram com tais atividades. Não faria o menor sentido se comprometer a participar de uma Oficina de Escrita e esperar estar isento da necessidade de escrever.

Tendo em vista que era apenas a primeira atividade, argumentou-se sobre a necessidade de entregar as atividades e cumprir os prazos e, como uma exceção, o prazo de entrega foi estendido até a semana seguinte. Os alunos que haviam entregue no prazo fizeram as apresentações e discutiu-se em torno do material apresentado. A ideia de ter o seu texto exposto e criticado diante dos demais não parecia muito atrativa para eles, mas acostumar-se com isso é uma necessidade em nosso meio, por isso o modelo foi mantido. Embora alguns alunos tenham ficado um pouco incomodados diante das críticas, tudo correu dentro do esperado. Diante das críticas e correções, os alunos deveriam fazer a reformulação do texto e entregar por e-mail na semana seguinte. A partir de então o *feedback* seria individual e o texto poderia ir e voltar quantas vezes fossem necessárias. Dos 50% que entregaram, aproximadamente 30% efetuaram as correções na tentativa de aprimorar o texto. Uma realidade cada vez mais desanimadora se apresentava.

Como já era de se esperar, o aumento do prazo não foi o suficiente para que os demais alunos entregassem os textos. Ainda assim, seguimos adiante para a próxima atividade. Desta vez foi trabalhada uma passagem de *O Contrato Social* de Rousseau, seguindo o mesmo modelo. No dia da discussão, muitos dos alunos que não haviam entregue a atividade anterior, possivelmente constrangidos, não compareceram. De todo modo, a discussão foi proveitosa, sendo possível debater e analisar o texto, mapeando seus elementos e fornecendo a base para a produção do resumo explicativo que deveria ser entregue em duas semanas.

Considerando o total de alunos iniciantes, apenas 30% entregou a segunda atividade, o que iniciou um ciclo infundável de cobranças, desistências e frustrações. Eles afirmavam que as atividades do curso, com o avançar do semestre, haviam se intensificado, impossibilitando a redação do texto. Isso quando havia justificativa. A maioria dos alunos simplesmente deixou de frequentar os encontros sem dar nenhuma espécie de explicação. Apenas seis dos vinte e nove inicialmente inscritos demonstrou interesse em continuar e entregou as atividades até o fim, sendo que dois deles eram os colaboradores (monitores), o que nos leva a um total efetivo de quatro alunos. Em porcentagem isso equivale a apenas 14,06%. Considerando a drástica diminuição da turma, com muito pesar, decidi que o mais adequado seria fazer o acompanhamento individual desses alunos e encerrar a Oficina antes do previsto.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o encerramento precoce, foi impossível cumprir alguns dos objetivos iniciais, como a determinação das dificuldades apresentadas pela maioria dos alunos e a elaboração de um material tendo em vista sanar tais dificuldades e suprimir as carências.

Se levarmos em conta apenas os alunos que tiveram participação efetiva, parece possível dizer que o modelo aplicado cumpre as expectativas. Comparando a produção de textos dos referidos alunos nos estágios iniciais e finais do projeto, foi possível observar melhora na estrutura, coerência e desenvolvimento. Os alunos relataram seu melhor desempenho nas atividades avaliativas realizadas nas disciplinas regulares do curso e o progresso em seu aprendizado devido à organização e planejamento das leituras e dos textos produzidos. É bastante provável que, caso a adesão dos alunos fosse efetiva, poderia haver ganhos para o andamento do curso de graduação em filosofia e para a formação dos alunos de uma maneira geral. Porém, infelizmente, a adesão foi muito aquém do esperado. Não foram encontradas soluções viáveis para garantir a participação dos alunos e sua continuidade nas atividades propostas. Para o funcionamento de projetos como esse é imprescindível encontrar meios de superar os problemas de comprometimento por parte dos alunos.

Se os alunos reconhecem suas dificuldades, se pedem por atividades desse tipo, se inicialmente se comprometem, por que parecem não levar a sério? Os problemas estariam no modelo aplicado? Na forma de lidar com os alunos? Na maneira de corrigir os textos? Qual seria minha parcela de responsabilidade nesse fracasso? É possível que minhas expectativas fossem muito altas e que isso tenha me levado a sentir demasiadamente o impacto da desistência dos alunos. Teria eu desistido cedo demais?

É difícil determinar os reais motivos da desistência dos alunos, contudo é possível pensar em algumas possibilidades. A primeira delas é o fato de se tratar de uma atividade extracurricular. A ausência de atribuição de notas e da possibilidade de uma cobrança maior em relação ao sucesso dos alunos pode ser um fator determinante para o seu comprometimento. Tornar a Oficina parte integrante do currículo, poderia acarretar em um maior sucesso na aplicação do modelo. Outro ponto relevante é a ausência de integração entre a Oficina e os outros professores e disciplinas do curso. Se no lugar de textos aleatórios, fossem trabalhados textos que estão sendo lidos nas disciplinas regulares, talvez os alunos se sentissem mais motivados a dar continuidade, tendo em vista uma solução mais direta para os problemas que enfrentam no dia a dia do curso. Aprender a escrever, de uma maneira geral, com certeza lhes traria benefício a longo prazo, mas ser capaz de ler, compreender e escrever sobre um texto em



Recebido em: 25/11/2020
Aprovado em: 28/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

que eles estão trabalhando e sobre o qual eles seriam avaliados no curso traria ganhos imediatos, o que poderia ser um incentivo maior. Obviamente, por não haver uniformidade entre os semestres dos alunos participantes da Oficina, trabalhar com essa possibilidade não seria tão simples. Deveriam ser buscadas soluções para viabilizá-la, adaptando o modelo.

Entretanto, dentre os possíveis motivos que levaram à desistência dos alunos, através de conversas informais com alguns dos participantes e da minha experiência na Oficina, uma questão se destacou: a lentidão do processo. Embora eles inicialmente se interessem por cursos que visem sanar os problemas de escrita, estão à espera de uma solução rápida e milagrosa. Eles acreditavam que a simples assimilação de regras seria suficiente para que se tornassem bons escritores. Obviamente essa expectativa foi quebrada e a realidade exigiu trabalho e esforço que, infelizmente, a maioria deles não estava disposta a fazer. A exigência da produção de textos dentro da Oficina foi um empecilho para a continuidade do projeto, pois os alunos simplesmente não se dispunham a produzir.

Vivemos em tempos em que a noção de esforço é desvalorizada em prol dos atalhos para o sucesso rápido. E mais, de uma maneira geral, muitos dos avanços do mundo moderno estão intimamente vinculados à necessidade de diminuir o esforço. Quanto mais automático melhor, quanto mais um objeto for capaz de facilitar minha vida, mais valor ele tem. O que por si só não é um problema. A questão é que nossos jovens estão levando isso para outros domínios, domínios em que não é possível manter esse padrão. O trabalho de pesquisa, leitura e escrita, a formação acadêmica de uma maneira geral, é um deles. Não há nenhum método capaz de transformar nossos alunos em excelentes escritores da noite para o dia e, enquanto eles viverem esperando por isso, vão continuar se frustrando e nos frustrando.



Recebido em: 25/11/2020
Aprovado em: 28/12/2020
Publicado em: 31/12/2020

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*: poética. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COSSUTA, F. *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- DESCARTES, René. *Discurso do método; As paixões da alma; Meditações*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- EMEDIATO, Wander. *A fórmula do Texto: redação, argumentação e leitura*. São Paulo: Geração Editorial, 2007.
- FOLSCHEID, D.; WUNENBURGER, J. *Metodologia filosófica*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MARTINICH, Aloysius Patrick. *Phylosophical Writing: An Introduction*. Trad. Vítor Oliveira. Oxford: Backwell, 1998.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. São Paulo: Martins Fontes, 2000-2001. 3v.
- INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Panorama da Educação: Destaques do Education at Glance 2020*. Brasília: INEP/MEC, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/eag/documentos/2020/Panorama_da_Educacao_2020.pdf. Acesso em: 22 de dezembro de 2020.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*: precedido de discurso sobre as ciências e as artes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Como ler um texto de filosofia*. São Paulo: Paulus, 2008
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico* [livro eletrônico]. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- WOLF, Maryanne. *O cérebro no mundo digital – Os desafios da leitura na nossa era*. São Paulo: Contexto, 2019.